

AS VOGAIS MÉDIAS DO PORTUGUÊS QUINHENTISTA A PARTIR DAS RIMAS DE *OS LUSÍADAS*

Juliana Simões FONTE

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Araraquara

jujufonte@yahoo.com.br

RESUMO: A proposta do presente estudo é analisar as rimas de *Os Lusíadas*, com o intuito de obter informações sobre a realização fonética, no século XVI, das vogais médias presentes em determinados termos do português. Foram comparados, neste trabalho, dados do século XVI, provenientes dessa análise das rimas d' *Os Lusíadas*, a dados do século XIII, obtidos por Fonte (2010), a partir da observação das rimas empregadas nas 420 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), de Afonso X, o rei Sábio de Leão e Castela. Por meio da análise das rimas de textos poéticos, é possível obter pistas satisfatórias sobre a realização fônica das vogais portuguesas, em momentos passados da língua, do quais não se têm registros orais. Ao comparar as rimas das CSM às rimas d' *Os Lusíadas*, este trabalho pôde verificar se houve mudanças na pronúncia das vogais médias, em posição tônica, presentes em determinadas palavras do português, durante esse percurso histórico, compreendido entre o século XIII e o século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais médias; História do português; Rimas poéticas; *Os Lusíadas*; *Cantigas de Santa Maria*.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar a datação em que ocorreram, na língua, certos processos de mudança envolvendo as vogais médias, em posição tônica, presentes em determinadas palavras do português.

Segundo Nunes (1960, p. 53), alguns adjetivos do português grafados com *-or* final, tais como *maior* e *melhor*, por exemplo, eram pronunciados, no passado, com um *o* fechado, já que rimavam, na poesia de então, com termos que possuíam, em suas sílabas tônicas, uma vogal média posterior fechada (ex.: *amor*). Williams (1975[1938], p. 45) e Silva Neto (1952, p. 413) afirmam que palavras como *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, *judeu* e *Deus* eram pronunciadas, no português antigo, com um *e* aberto, já que jamais aparecem rimando, nos primitivos cancioneiros, com formas verbais como *perdeu* e *temeu*, por exemplo, que apresentam uma vogal média anterior fechada, na sílaba tônica.

Fonte (2010), ao analisar as rimas das 420 *Cantigas de Santa Maria* (CSM) de Afonso X, elaboradas na segunda metade do século XIII, confirmou as hipóteses levantadas pelos estudiosos anteriormente referidos, na medida em que verificou que, de fato, a vogal média, em posição tônica, presente em termos como *maior*, *melhor*, *eu*, *meu*, *judeu* etc., era pronunciada, no século XIII, com um timbre vocálico diferente do atual. Além desses termos apontados por estudos anteriores, Fonte (2010) também identificou, a partir das rimas das CSM, outras palavras cuja vogal média, em posição tônica, apresentava, no século XIII, um timbre vocálico diferente do atual: *inveja* (rima, nas CSM, com *seja* e *deseja*), *essa* (rima com *abadessa*), *gloriosa* e *formosa* (rimam com *esposa*), *jogo* e *fogo* (rimam com *logo*).

Partindo desses dados do século XIII, a proposta do presente estudo é investigar em que momento da história da língua teria ocorrido essa mudança de timbre nas vogais médias dos termos acima referidos.

Levando-se em consideração o fato de que os dados de Fonte (2010) correspondem ao período arcaico da língua portuguesa, optamos por investigar a ocorrência das palavras em questão nas rimas de uma obra poética do século XVI, que correspondesse, pois, ao início do português moderno (cf. VASCONCELLOS, 1959; CÂMARA JR., 1979[1975]).

Dessa forma, adotamos, como *corpus* para esta pesquisa, um clássico da literatura portuguesa cuja primeira edição foi publicada em 1572: *Os Lusíadas* de Camões.

Este trabalho, portanto, além de trazer informações relevantes sobre a história das vogais portuguesas, também fornece dados que permitem uma comparação entre as diferentes fases do português.

2. As vogais médias nas rimas d' *Os Lusíadas*

Conforme acima mencionado, a proposta deste trabalho é investigar, a partir da análise das rimas de *Os Lusíadas*, se, no século XVI, a vogal tônica de termos como *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, *judeu*, *inveja*, *essa*, *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *maravilhosa*, *gloriosa*, *fogo*, *jogo*, entre outros, preservava o timbre vocálico do século XIII, identificado por Fonte (2010), a partir da observação das rimas empregadas nas 420 CSM, de Afonso X, ou se essas vogais já teriam passado pelo processo de mudança que originou seu timbre atual.

Diante dessa proposta, o primeiro passo desta pesquisa foi fazer um mapeamento de todas as rimas empregadas em *Os Lusíadas* que envolvessem as terminações *eu(s)*, *eja(s)*, *essa(s)*, *or(es)*, *ogo(s)* e *osa(s)*, que compõem as palavras acima referidas. Em seguida, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima, no *corpus* considerado, entre os vocábulos constituídos dessas terminações.

Estão apresentados, nesta seção, os resultados da presente pesquisa referentes a esse mapeamento das rimas de Camões, em *Os Lusíadas*. Para que se possam comparar os dados deste trabalho aos dados de Fonte (2010), concernentes ao português do século XIII, fez-se necessário, em alguns momentos, explicitar também os resultados obtidos por esta autora em sua análise das rimas das CSM.

Foram identificados, no *corpus* analisado, apenas dois casos de rima envolvendo a terminação *-eu*. No primeiro caso, rimam entre si a forma verbal *deu* e o nome próprio *Theseu*:

(01)

Mais ladrões castigando aa morte **deu**,
Que o vagabundo Alcides, ou **Theseu**.

(Canto III, 137^a estrofe)

No segundo caso, a forma verbal *deu* aparece rimando com os pronomes possessivos *teu* e *seu*:

(02)

Nesta remota terra, hum filho **teu**
 Nas armas contra os Turcos serâ claro,
 Ha de ser dom Christovão o nome **seu**,
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:
 Ve ca a Costa do mar, onde te **deu**
 Melinde hospicio gasalhoso e caro
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

(Canto X, 96ª estrofe)

Essa rima dos pronomes possessivos *teu* e *seu*¹ com a forma verbal *deu* poderia ser interpretada como um indício de que, no século XVI, a vogal média desses pronomes já teria passado pelo processo de mudança que originou seu timbre vocálico atual, ou seja, fechado (*ê*). Contudo, essa hipótese foi descartada, neste estudo, visto que a rima entre a forma verbal *deu* e pronomes como *meu*, *teu*, *seu* e *eu* já ocorria, com bastante frequência, nas CSM. De acordo com Fonte (2010), *deu* é a única forma verbal que aparece rimando com esses pronomes, nas cantigas afonsinas. Fonte (2010) constatou que todos os verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *morreu*, *comeu*), rimam entre si, nas CSM, mas jamais aparecem rimando com termos como *eu*, *meu*, *teu*, *seu* e *judeu*, por exemplo. Esses dados confirmaram a hipótese levantada por estudos anteriores de que, no passado, a vogal média desses pronomes era pronunciada com um timbre vocálico diferente do atual, ou seja, aberto (*é*). Como a forma verbal *deu* rima, nas CSM, com esses pronomes, e jamais aparece rimando com outros verbos, consideramos que a vogal média, presente em *deu*, também era pronunciada com um timbre vocálico aberto, no século XIII.

Em *Os Lusíadas*, como nas CSM, a forma verbal *deu* também não aparece rimando com os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito. Esses verbos, inclusive, são grafados com a terminação *-eo* (ex.: *moveo*, *converteo*, *obedeceo*), n' *Os Lusíadas*, e não com a terminação *-eu*, que ocorre nas CSM, na grande maioria dos casos. Vejamos alguns exemplos dessas rimas em *Os Lusíadas*:

(03)

Isto dizendo yrado, e quasi insano,
 Sobre a terra Affricana **descendeo**,
 Onde vestindo a forma e gesto humano,
 Pera o Prasso sabido se **moveo**.
 E por melhor tercer o astuto engano,
 No gesto natural se **converteo**,
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co Xeque muy valido.

(Canto I, 77ª estrofe)

¹ Não registramos, nas rimas de *Os Lusíadas*, a ocorrência dos pronomes *eu* e *meu*, nem do termo *judeu*.

(04)

Desta arte em fim tomada se **rendeo**,
 Aquella que nos tempos ja passados
 Aa grande força nunca **obedeceo**,
 Dos frios povos Sciticos ousados:
 Cujo poder a tanto se **estendeo**,
 Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados.

(Canto III, 60ª estrofe)

(05)

Aparta o Sol a negra escuridade,
 Removendo o temor ao pensamento:
 Assi no Reino forte **aconteceo**,
 Depois que o Rei Fernando **falleceo**.

(Canto IV, 1ª estrofe)

Comparando esses dados do século XVI aos dados do século XIII, chegamos à conclusão de que as rimas, nas duas obras consideradas, apontam uma mesma situação, no que se refere à terminação *-eu*. Embora essa terminação apareça em um número reduzido de rimas, na obra de Camões, as circunstâncias de seu emprego não parecem diferentes das do século XIII, na medida em que, como nas CSM, não há, n' *Os Lusíadas*, rima dos termos *eu, meu, teu, seu* e *judeu* com os verbos da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. A forma verbal *deu* é a única que aparece rimando com esses pronomes, em ambas as obras.

No que se refere à terminação *-eja(s)*, como nas CSM, foram identificadas rimas entre o substantivo *enveja* (*inveja*) e formas verbais como *deseja* e *seja*, conforme mostram os exemplos a seguir:

(06)

Mas esta tenção sua, agora passe,
 Porque em fim vem de estamago danado.
 Que nunca tirará alhea **enveja**,
 O bem que outrem mereçe, e o ceo **deseja**.

(Canto I, 39ª estrofe)

(07)

Todos por mi fareis o que he divido:
 Mas se a verdade o sprito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua **enveja**,
 Não farão que eu com vosco la não **seja**.

(Canto VI, 55ª estrofe)

Tais rimas sugerem que, no século XVI, a vogal tônica do substantivo *inveja* ainda apresentava o mesmo timbre (fechado /e/) que Fonte (2010) identificou para o século XIII - daí a possibilidade de rima entre esse termo e as formas verbais *deseja* e *seja*. Vale observar que o argumento adotado por Fonte (2010) para sustentar a hipótese de que o substantivo *inveja* era pronunciado com um *e* tônico fechado, no português arcaico, é baseado na etimologia dessa palavra: *inveja* provém do latim *invīdīa* (cf. MACHADO, 1952, p. 1237). De acordo com a regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, fartamente descrita pelas Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia da língua (cf. WILLIAMS, 1975[1938]; NUNES, 1960; COUTINHO, 1974; TEYSSIER, 1994[1980]), o /ĩ/ breve latino originou, no português, uma vogal média anterior fechada /e/ - timbre correspondente ao identificado nas CSM. Ao que tudo indica, teria ocorrido, ao longo da história da língua, uma mudança no timbre da vogal tônica do substantivo *inveja*, provocada, muito provavelmente, pela influência da vogal alta /a/, presente na sílaba átona final dessa palavra.

No tangente à terminação *-essa(s)*, como não registramos a ocorrência do pronome demonstrativo *essa*, nas rimas d' *Os Lusíadas*, não foi possível confirmar se, no século XVI, a vogal tônica desse pronome ainda apresentava o mesmo timbre vocálico fechado (ê) do século XIII.²

Com relação à terminação *-or(es)*, verificamos que, n' *Os Lusíadas*, como nas CSM, termos como *melhor*, *maior* e *menor* aparecem rimando com substantivos como *valor* e *amor*, por exemplo, cujas vogais médias apresentam um timbre fechado (/o/). Vejamos os exemplos a seguir:

(08)

Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, e tal **valor**,
Que qualquer dellas cuida que he **milhor**.

(Canto III, 18ª estrofe)

(09)

Contra Deos, contra o maternal **amor**:
Mas nella o sensual era **maior**.

(Canto III, 31ª estrofe)

(10)

E por elles de tudo em fim **senhores**,
Serão dadas na terra leis **milhores**.

(Canto II, 46ª estrofe)

² Fonte (2010) registrou, nas CSM, casos de rima entre o pronome demonstrativo *essa* e os substantivos *condessa* e *abadessa*.

(11)

Por meyo destes horridos perigos
 Destes trabalhos graves e **temores**,
 Alcanção os que sam de fama amigos
 As honras immortais, e graos **mayores**:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus **antecessores**,
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Mascovia Zebellinos.

(Canto VI, 95ª estrofe)

(12)

Aquelles pais illustres que ja derão
 Principio aa geraçam que delles pende,
 Pela virtude muyto antão fizerão,
 E por deixar a casa que descende,
 Cegos, que dos trabalhos que tiverão,
 Se alta fama e rumor delles se estende,
 Escuros deixão sempre seus **menores**,
 Com lhe deixar descansos **corrutores**.

(Canto VIII, 40ª estrofe)

Os dados acima apontados levam-nos a acreditar que os adjetivos *melhor*, *maior* e *menor* apresentavam, no século XVI, a mesma vogal tônica fechada (/o/) que Fonte (2010) identificou para o século XIII. Novamente, lançaremos mão de dados etimológicos para justificar a ocorrência de uma vogal média fechada ô na antiga pronúncia desses termos. Machado (1952) mostra que a vogal média posterior dos adjetivos em questão é proveniente de um /ō/ (longo) latino (*meliōre* > *melhor*, *peiōre* > *pior*). De acordo com as Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia do português (cf. WILLIAMS, 1975[1938]; NUNES, 1960; COUTINHO, 1974; TEYSSIER, 1994[1980]), a vogal latina /ō/ originou, no português, uma vogal média posterior fechada /o/. Os dados deste trabalho sugerem que, até o século XVI, pelo menos, a vogal tônica desses termos conservava o timbre correspondente à duração da vogal presente em seu étimo latino.

No tangente à terminação *-ogo*, identificamos, n' *Os Lusíadas*, também como nas CSM, rima entre os substantivos *fogo* e *jogo* e o vocábulo *logo*, conforme indicam os exemplos a seguir:

(13)

Ja dão sinal, e o som da tuba impelle
 Os belicosos animos, que inflama,
 Picão desporas, largão redeas **logo**
 Abaxão lanças, fere a terra **fogo**.

(Canto VI, 63ª estrofe)

(14)

Pella agoa levarâ serras de **fogo**
 Pera abrasarlhe quanta armada tenha,
 Mas a militar arte, e engenho, **logo**
 Farâ ser vaã a braveza com que venha:
 Nenhum claro barão no Martio **jogo**,
 Que nas asas da Fama se sostenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

(Canto X, 19ª estrofe)

Essas rimas d' *Os Lusíadas* também levam-nos a acreditar que, no século XVI, a vogal tônica dos substantivos *fogo* e *jogo* ainda era pronunciada com o mesmo timbre vocálico (aberto: *ó*) identificado por Fonte (2010) no português do século XIII, a partir da análise das rimas das CSM. Se tomarmos como base as formas etimológicas dessas palavras (*fõcu* e *jõcu*),³ veremos que o timbre vocálico (aberto) está de acordo com a regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, já referida neste estudo, segundo a qual, /õ/ latino originou, no português, uma vogal média posterior aberta (/ɔ/). Os estudiosos atribuem o fechamento da vogal tônica, nesses termos, ao processo assimilatório tradicionalmente conhecido como metafonia: a vogal alta [u], presente na sílaba átona final dos substantivos *jogo* e *fogo*, teria favorecido o fechamento da vogal tônica.

Por fim, sobre a terminação *-osa(s)*, como nas CSM, identificamos, em *Os Lusíadas*, rima entre adjetivos como *fermosa* e *preciosa*, por exemplo, e o substantivo *esposa*, conforme indicam os versos a seguir:

(15)

Vinha por outra parte a linda **esposa**
 De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
 Grave, e leda no gesto, e tão **fermosa**
 Que se amansava o mar de maravilha:
 Vestida hũa camisa **preciosa**
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo cristalino dexa verse,
 Que tanto bem não he pera esconderse.

(Canto VI, 21ª estrofe)

³ Dados retirados de Nunes (1960, p. 51) e de Coutinho (1974, p. 105).

(16)

Estavão pelos muros **temerosas**,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mais, irmãs, damas, e **esposas**
 Prometendo jejūs, e romarias:
 Ja chegão as esquadras **bellicosas**,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duvida concebem.

(Canto IV, 26ª estrofe)

(17)

Que por tomar o alheo, o miserando
 Povo aventura aas penas do profundo
 Deixando tantas mãis, tantas **esposas**
 Sem filhos, sem maridos **desditosas**.

(Canto IV, 44ª estrofe)

(18)

Desta arte em fim conformes ja as **fermosas**
 Nimphas, co seus amados navegantes,
 Os ornão de capellas **deleitosas**,
 De louro, e de ouro, e flores abundantes:
 As mãos alvas lhe davão como **esposas**
 Com palavras formais, e estipulantes,
 Se prometem eterna companhia
 Em vida e morte, de honra e alegria.

(Canto IX, 84ª estrofe)

Contudo, além de *esposa*, o substantivo *rosa* também aparece rimando, n' *Os Lusíadas*, com os adjetivos terminados em *-osa*, conforme mostram os exemplos a seguir:

(19)

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fuy: e nisto de **mimosa**
 O rosto banha, em lagrimas ardentes,
 Como co orvalho fica a fresca **rosa**
 Calada hum pouco, como se entre os dentes
 Lhe impedira a falta **piadosa**.

(Canto II, 41ª estrofe)

(20)

Estas obras de Baco sam por certo,
 Disse, mas não serâ, que avante leve
 Tão danada tenção, que descuberto
 Me sera sempre o mal a que se atreve,
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Em quanto manda as nimphas **amorosas**
 Grinaldas nas cabeças por **rosas**.

(Canto VI, 86ª estrofe)

(21)

Ali com mil refrescos, e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e **rosas**,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fermosos leitos, e ellas mais **fermosas**:
 Em fim com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Nimphas **amorosas**,
 Damor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

(Canto IX, 41ª estrofe)

(22)

Mas da lam fina, e seda diferente
 Que mais incôta a força dos amores,
 De que se vestem as humanas **rosas**,
 Fazendose por arte mais **fermosas**.

(Canto IX, 68ª estrofe)

Cabe observar que, nas CSM, esses adjetivos terminados em *-osa* rimam entre si e com o substantivo *esposa*. Fonte (2010) não registrou, nas rimas das cantigas afonsinas, a ocorrência do termo *rosa*.

Como a vogal média da terminação *-osa*, nesses adjetivos, é proveniente de um *ō* latino, que originou, no português, uma vogal média posterior fechada (/o/), e não aberta (/ɔ/), conforme já mencionado neste trabalho, a forma feminina de adjetivos como *formoso*, *glorioso*, *maravilhoso* etc. é apontada pelos filólogos como casos que representam uma exceção à regra de substituição das vogais do latim clássico pelas vogais do português.

Ao identificar, nas CSM, rima entre os adjetivos terminados em *-osa* e o substantivo *esposa*, Fonte (2010) constatou que, no século XIII, a regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas fora respeitada, uma vez que, naquele momento da língua, a vogal média (tônica) desses adjetivos era pronunciada com um timbre fechado (/o/), diferente, portanto, do atual.

Tendo em vista esses dados do século XIII, este trabalho se propôs a investigar se, no século XVI, a vogal média da terminação *-osa*, nesses adjetivos, já teria passado pelo processo de mudança que originou seu timbre atual (aberto).

A ocorrência desses adjetivos, nas rimas d' *Os Lusíadas*, estabelece, no entanto, um impasse. Se, por um lado, as rimas com *esposa* sugerem que a vogal média de adjetivos como *formosa* e *preciosa* ainda era pronunciada, no século XVI, com um timbre vocálico fechado (*ô*), por outro lado, as rimas desses adjetivos com o substantivo *rosa* sugerem o oposto, ou seja, apontam para uma mudança de timbre vocálico em relação ao século XIII.⁴

Diante desses dados, somos levados a acreditar que, no século XVI, ocorriam as duas pronúncias (com *ô* e com *ó*), para a terminação *-osa* desses adjetivos. Essa variação, registrada nas rimas de *Os Lusíadas*, estaria denunciando, assim, uma mudança em curso, no português quinhentista, que viria a se consolidar posteriormente.

3. Considerações finais

A partir dos resultados explicitados neste estudo, pode-se dizer que, de um modo geral, os dados de *Os Lusíadas* apontam para uma semelhança entre o português do século XIII e o português do século XVI, no que se refere ao timbre das vogais médias, em posição tônica, consideradas neste trabalho.

De todos os casos considerados neste estudo, apenas um revelou uma possível mudança (em curso), do século XVI em relação ao século XIII. Trata-se da pronúncia da vogal média posterior presente na terminação *-osa* de adjetivos como *preciosa*, *formosa*, *maravilhosa* etc. Os dados de Fonte (2010) mostraram que, no século XIII, essa vogal média posterior era pronunciada com um timbre fechado (*ô*). As rimas de *Os Lusíadas* sugerem, por sua vez, que, no século XVI, a vogal média, em posição tônica, desses adjetivos terminados em *-osa* já estaria passando pelo processo de mudança que originou seu timbre vocálico atual, ou seja, aberto (*ó*).

4. Referências

CÂMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1ª edição brasileira: 1975)

CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. 1ª ed. Lisboa: Antonio Gonçalves, 1572. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or633602.pdf (versão digitalizada). Acesso em: 31 de março de 2010.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FONTE, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

⁴ Segundo Saraiva (2006, p. 1045), a vogal média posterior, presente na sílaba tônica do substantivo *rosa*, é proveniente de um *ô* latino (*rōsa*). De acordo com a regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, *ô* latino originou, no português, uma vogal média aberta (*ó*). Esse dado etimológico não nos permite, portanto, considerar a hipótese de a vogal média desse substantivo ter sido pronunciada, no passado, com um timbre vocálico fechado (*ô*) e, ao longo da história do português, ter passado por mudanças fonológicas que originou seu timbre atual.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª edição. Lisboa: Confluência, 1952.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12ª Ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 (1ª edição: 1980).

VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (1ª edição: 1938)